

PALÁCIO ITAMARATY, BRASÍLIA, DF, 1º DE SETEMBRO DE 2000

Minhas palavras iniciais são de agradecimento.

Na verdade, é um encontro que pela primeira vez se faz na História. E a indagação é por que só agora. Porque, realmente, vimos o quanto de convergência existe nos nossos pontos de vista, nas nossas abordagens, e como é frutífero que nos encontremos.

Talvez, pelo fato mesmo de ser um encontro inusitado, ele gerou especulações. A imprensa especulou sobre tudo: o que será esse encontro? Não vou reiterar as especulações, porque eu só faria coro a elas e daria mais circulação a especulações sem base.

Na verdade, o encontro se fez pela razão mais simples de todas: porque somos bons vizinhos e queremos continuar sendo bons vizinhos e temos programas e problemas de vizinhança comuns. E a questão da estrutura física da nossa integração é a que mais chama a atenção de todos nós. Só não houve uma especulação: será que não estamos todos juntos para garantir a supremacia do futebol sul-americano? Porque essa teria base. Aí, sim, podemos ser hegemônicos.

No resto, temos todos nós experiência para saber que essas idéias de hegemonia são antigas, antiquadas, não se compaginam com o

mundo moderno, nem a hegemonia de um país, nem a hegemonia de uma região, nem vontade de impor a quem quer que seja os nossos desejos, porque isso não corresponde mais ao mundo atual.

Eu disse ontem, ao saudá-los no jantar, e citei o Barão do Rio Branco, que precisamos buscar caminhos práticos. Creio que esta reunião buscou caminhos práticos. O encontro que haverá em Montevideú é uma forma muito efetiva de levar adiante os nossos caminhos de integração. O que foi dito agora, sobre desenvolvimento científico e tecnológico, também é uma forma efetiva. Não é uma reunião que fique no vazio.

Mas eu queria terminar, ao reiterar esses meus agradecimentos, que são realmente muito sinceros aqui, deixando, aí sim, no ar a questão: veremos se vale a pena um outro encontro desse tipo. O Presidente da Bolívia, tão genuinamente, ofereceu não sei ainda qual das belas cidades da Bolívia para nos encontrarmos. Vamos avaliar. Vamos ver se é útil. Se for, por que não? Com o espírito aberto, a com fraternidade que está nos caracterizando. Certamente, quantos mais encontros pudermos ter, desde que seja para darmos passos adiante, creio que serão bem-vindos.

E acho também, numa palavra final, que, assim como houve a ousadia dos navegantes que vieram aportar aqui, assim como houve a ousadia das múltiplas formas de independência dos nossos países – e a nossa foi a mais peculiar, foi o filho do Rei de Portugal, que, achando pouco ser Rei, tornou-se Imperador do Brasil. Foi uma forma muito peculiar de fazer a Independência, mantendo até laços dinásticos. Cada um de nós tem a nossa forma de buscar, ousadamente, os nossos caminhos – acho que, realmente, precisamos de ousadia. Acho que precisamos de ousadia na defesa dos nossos interesses comuns, nos vários fóruns internacionais. Não preciso repetir as aflições que temos, a necessidade de que a nossa voz seja mais ouvida na discussão da nova arquitetura financeira internacional e de que nossa presença seja mais ativa nos grupos que tomam decisões que afetam o conjunto dos países e afetam os nossos países, nas discussões sobre temas como os aqui mencionados, de meio ambiente, nas cláusulas de proteção social, nas questões relativas à luta por acesso aos mercados.

Precisamos de mais união entre nós, de coordenação, sim, política, sim, para que possamos ter uma ousadia baseada em uma forma que, se não é a força das armas – que não é, hoje, o elemento decisivo para isso – é a força do interesse comum, é a força moral, é a força dos que falam legitimamente por seus povos, de povos que têm, hoje, noção do que desejam. E esse sentimento, que foi expressado por tantos aqui, de que num mundo da informação todos sabem que existe a desigualdade, é insuportável. É uma força ética a que nos leva a agir para diminuir as desigualdades. E essas assimetrias são reproduzidas pela ordem internacional como ela existe hoje, são reproduzidas pelas dificuldades de acesso aos mercados, são reproduzidas pelas cláusulas muitas vezes leoninas nos contratos de dívidas, sobretudo nos países mais endividados e mais pobres, e que começam a ser mudadas e que precisam ser mudadas. Para essa mudança é preciso uma América do Sul coesa, forte, capaz de dizer, em alto e bom som, o que deseja e, certamente, uma América Latina que, como acabou de dizer o observador mexicano, Professor Castañeda, uma América Latina que estará sempre soando a sua voz junto à nossa, porque estamos com os mesmos ideais, os mesmos valores, que começam pela democracia, que são intransigentes na luta contra a corrupção e contra o narcotráfico, que são respeitadores das defesas do meio ambiente e de tudo que diz respeito ao bem-estar dos nossos povos, são vozes que não querem outra coisa, senão o bem-estar de todos nós.

Agradeço, portanto, e muito, a presença de todos. Agradeço a presença do Vice-Presidente da República, Marco Maciel, que se juntou a mim nessa fase final das nossas discussões. Desejo-lhes muito boa sorte na luta que é comum. E, quem sabe, a oferta do Presidente Hugo Banzer, nós a avaliemos como útil, necessário que continuemos nesse caminho de buscar, mais e mais, coesão entre todos nós, países da América do Sul, esses sonhados Estados Unidos da América do Sul ou Confederação dos Países da América do Sul e dessa mais sonhada ainda integração latino-americana, que é o desejo de todos nós.

Muito obrigado.

